

EDITORIAL

NOVAS SEÇÕES E AMPLIAÇÃO DO CONSELHO CONSULTIVO

Chegamos, com imensa satisfação, ao quarto número de Interações – Cultura e Comunidade, revista que se define a um só tempo como acadêmica, destinada a recolher as produções científicas de pesquisadores voltados à temática da religião e da religiosidade, e como instrumento de comunicação com um público mais vasto. Cada número lançado representa uma conquista para a equipe responsável e traz sempre novidades. O que não muda é o compromisso de preservar, além da qualidade e do rigor dos textos publicados, a pluralidade dos métodos e das visões de mundo de seus autores, assim como a autonomia das diversas disciplinas que compõem este complexo, enigmático e sedutor campo de estudos que denominamos de Ciências da Religião.

O leitor há de constatar, neste número, pequenas alterações formais e de conteúdo, que correspondem a aperfeiçoamentos de ordem organizacional e editorial da Revista, não se afastando, contudo, do compromisso e dos objetivos propostos anteriormente.

Em continuidade à proposta de apresentar a cada número uma seção de artigos agrupados como Dossiê, e face à necessidade de ordenar a apresentação dos textos e ao mesmo tempo facilitar a leitura dos mesmos, sem, entretanto, ter a intenção de conduzir o leitor, optou-se, neste número, pela escolha de alguns artigos nessa seção específica. Assim, dos nove artigos que compõem a presente versão da Revista quatro estão reunidos no Dossiê Filosofia e Religião. Essa forma de alocação das colaborações não denota a intenção de privilegiar esta ou aquela área de estudos e sim o propósito de aproximar os estudos segundo seu ponto de partida, no caso a perspectiva filosófica, não necessariamente segundo seu ponto de chegada ou procedimentos metodológicos. Outros dossiês poderão ser organizados futuramente, de acordo com a programação do conteúdo das colaborações. O próximo número da revista

apresentará um dossiê na área de Antropologia da Religião.

No primeiro artigo do Dossiê Filosofia e Religião, sob o título “Experiência Religiosa e Cultura Moderna”, João A. Mac Dowell expõe os parâmetros para uma discussão aprofundada dos contrapontos entre a cultura racionalista, secularizante e individualista ligada ao pensamento moderno, radicalizada no mundo pós-moderno, e o que considera uma autêntica experiência do homem com o sagrado. Defensor da tese da irredutibilidade da experiência religiosa às dimensões funcionais da vida moderna, por considerá-la um componente essencial e estrutural da existência humana, Mac Dowell repassa as obras dos principais pensadores do passado e contemporâneos, estendendo sua visão crítica às formas mais recentes assumidas pelo chamado “renascimento religioso”.

O segundo artigo incluso no Dossiê intitula-se “A Crítica da Religião na Modernidade”, de autoria de Urbano Zilles. Dá continuidade ao estudo desse teólogo e filósofo da religião, iniciado no número anterior da Revista, quando então se concentrou nas épocas antiga e medieval. O foco agora é o período moderno, quando irrompem várias formulações filosóficas do pensamento racionalista e imanentista, que fazem a crítica da religião em nome da emancipação do ser humano em face de qualquer elemento de transcendência. Tais formulações, produzidas ao longo de um extenso período da história intelectual do ocidente, do século XVI ao XX, do iluminismo ao triunfo do pensamento tecno-científico de nossos dias, corresponderam a várias modalidades de recusa da religião ou da crença na divindade, em nome da razão, da ciência ou da consciência política revolucionária. Para o autor, contudo, essa “crítica radical da religião” também merece uma “crítica”, que leve em consideração a totalidade do ser humano, no qual o sagrado e o transcendente preservam ainda sua importância.

Na sequência, temos o artigo de Marcio Gimenes de Paula “O silêncio de Abraão: os desafios para a ética em *Temor e Tremor* de Kierkegaard”. Trata-se de uma análise dessa obra – publicada originalmente em 1843 – procurando esclarecer a relação entre fé e razão na perspectiva do filósofo dinamarquês. A problemática central diz respeito ao paradoxo entre a fé – atitude individual vista como paixão – e a ética – que nasce dos imperativos da vida coletiva. Kierkegaard discute essa relação tomando como ponto de partida a história bíblica de Abraão (Gênesis 22), na qual este é instado por Deus a sacrificar o próprio filho, Isaque. Além de rediscutir os argumentos do filósofo a respeito deste caso bíblico, Gimenes de Paula procura mostrar como a obra, como um

todo, é representativa da posição crítica de Kierkegaard face aos pensadores de sua época, especialmente os hegelianos, que procuravam abarcar todas as coisas sob o manto da racionalidade, negando o caráter pessoal – irreduzível aos sistemas filosóficos – da fé.

Para finalizar o Dossiê Filosofia e Religião, temos o artigo de José Benedito de Almeida Júnior “Rousseau e o Cristianismo”, que recupera para os leitores a argumentação do autor do *Contrato Social* e do *Emílio* para defender-se de seus detratores. Com a publicação dessas obras, em 1762, Rousseau passou a ser acusado, nos meios protestante e católico, de ser anti-cristão. Almeida Jr., analisando principalmente a *Carta a Cristophe de Beaumont* e as *Cartas escritas da Montanha*, instrumentos de defesa de Rousseau, procura demonstrar que o filósofo pode ser definido como teísta e cristão, pois não nega a revelação, procurando tão somente conciliá-la com a razão. A posição de Rousseau é a de um pensador original e ousado para sua época.

Abrindo a seção de artigos não agrupados por área ou tema, a Revista reproduz o texto de Ana Lúcia Galinkin intitulado “Judaísmo e Identidade Judaica”, no qual, sob uma perspectiva sociológica lastreada em ampla bibliografia, a autora analisa a constituição da pessoa e da identidade do judeu. O judaísmo, visto como religião, tradição cultural ou ideologia, é o elemento de fundo que opera nessa construção identitária. Entretanto, esta identidade original, que confronta o judeu com o não-judeu, está sujeita a especificações e nuances decorrentes das relações sociais e processos históricos, particularmente os ligados à modernidade. Embora o fator religioso tenha grande peso, ser judeu, na atualidade, remete a diferentes formas de ser judeu, apoiadas em particularidades ideológicas, políticas, nacionais, regionais etc.

O artigo “Religião e violência nos séculos XV-XVI: Divagações filosóficas e teológicas (II)” dá seqüência e conclusão ao artigo anterior, sob a mesma denominação, publicado no número 3 da Revista por Marcelo Neves OP. O assunto central diz respeito à negação filosófica e teológica da violência, mais particularmente dos instrumentos da guerra, a serviço de um credo religioso. Esta negação, como explicita o autor, insere-se numa longa tradição, que se tornou mais clara no confronto, nos citados séculos, entre as posições cristãs, especialmente as católicas, e as defendidas por alguns adeptos do islamismo. Mas ela repercute nos nossos dias, como atestam os argumentos exibidos recentemente pelo Papa Bento XVI. Para Neves, a recusa da violência encontra sua legitimidade na própria tradição cristã e, sem desrespeitar as diferentes

religiões, trabalha pela paz e a colaboração entre estas.

Inaugurando a publicação de colaborações em línguas estrangeiras, a Revista acolhe, a seguir, o artigo de Alexandre Guida Navarro “El culto de Kukulkán em Chichén Itzá: manifestaciones guerreras”. Ele sintetiza uma investigação de caráter antropológico e arqueológico sobre um traço da cultura maia, no México. Após uma discussão da guerra e do seu significado para os povos indígenas, tal como o assunto é tratado na literatura especializada, o autor analisa a hipótese, calcada em indícios arqueológicos da cultura material maia, da existência de um culto guerreiro dirigido ao personagem histórico Kukulkán. O artigo abre uma nova área para os que se interessam pelas manifestações religiosas dos habitantes originais das Américas.

O artigo “Marcel Mauss e o significado do corpo nas religiões brasileiras”, de Gilmar Rocha, é uma incursão num campo do conhecimento relativamente pouco explorado entre nós. Reapropriando-se de conceitos-chave trabalhados por Mauss, tais como o de “magia” e “técnicas do corpo”, o artigo desenvolve alguns referenciais para a abordagem da chamada *antropologia da performance* e aplica esses referenciais ao estudo de algumas práticas religiosas presentes na sociedade brasileira contemporânea. Ressalta, nesse estudo, o significado altamente simbólico das expressões corporais no âmbito dessas práticas.

Interações – Cultura e Comunidade introduz neste número duas novas seções: uma, denominada Debates & Comunicações e outra, intitulada Livros. A primeira propõe-se a ser um espaço aberto para divulgar idéias de pesquisadores – docentes e discentes dos cursos de graduação e pós-graduação nas áreas contempladas pela revista – sobre questões mais específicas. Acolhe artigos breves ou no tamanho padrão, comunicações, notas e notícias de interesse para a área, entrevistas e outras modalidades de contribuições relevantes. Inaugurando essa seção trazemos o artigo “Escola e laicidade: o modelo francês”, de Marília de Franceschi Neto Domingos. Discute-se aqui o percurso histórico-intelectual do conceito de laicidade, associado ao Estado Laico e à Escola Laica, tal como se deu na sociedade francesa a partir do final do século XIX aos dias atuais. O pressuposto é que o estudo esboçado no artigo constitua um ponto de partida para se discutir oportunamente a questão do ensino religioso no Brasil, apesar das diferenças entre as duas sociedades.

A seção denominada Livros será reservada às novidades editoriais – pequenas comunicações sobre novos lançamentos de publicações no campo das chamadas Ciências da Religião –, bem como a notas e recomendação de leitura

de obras de qualidade científica voltadas ao tema da religião e da religiosidade. Acreditamos que tal seção possa ser útil aos leitores interessados. Neste número apresentamos as Notas de Leitura, assinadas por Antônio Alves de Melo, que faz instigantes comentários sobre trechos escolhidos de uma antologia de textos extraídos da obra do teólogo Joseph Ratzinger (Bento XVI) e apresentados em forma de pequenas meditações sobre questões ligadas à realidade mundana e eclesial. De acordo com Melo, as meditações de Ratzinger reunidas nessa antologia constituem uma excelente introdução à sua teologia.

A publicação de resenhas, antecedendo a de Livros, é uma prática de valor inestimável para o leitor que continuará a ser adotada pela Revista. Neste número temos duas resenhas: uma, de Marcio Gimenes de Paula, sobre o recente lançamento da tradução do livro de Etienne Gilson, *O filósofo e a teologia*; e outra, de Antônio Alves de Melo, que desde o primeiro número vem colaborando nessa seção, sobre o livro *Teologia do sacramento e da penitência*, de José Ramos-Regidor.

Antes de finalizar esse editorial, é preciso mencionar outros avanços de Interações – Cultura e Comunidade, como a ampliação de seu Conselho Consultivo, que conta agora com a participação de novos nomes representativos na área. Além disso, temos também o prazer de informar que a Revista encontra-se indexada nas seguintes bases de dados: DOAJ, Latindex, Sumários e Open Archives Harvester e a caminho de novas indexações.

Continuamos abertos às eventuais críticas e sugestões do nosso público leitor.

Antônio Ricardo Micheloto

Membro do Conselho Editorial